

8

Referências Bibliográficas

ALLIENDE, F; CONDEMARÍN, M. **Leitura** – teoria, avaliação e desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Medicas, 1987.

ANTUNES, I. A Coesão como Propriedade Textual: bases para o ensino do texto. **Calidoscópio**. São Leopoldo, RS: Unisinos, vol. 7, jan/abr 2009, p. 62-71.

AZEREDO, J. C. S. **Ensino de Português - fundamentos, percursos, objetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Fundamentos de Gramática do Português**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BADDELEY, A.; ANDERSON, M. C. e EYSENCK, M. W. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BALIEIRO Jr., A. P. **Psicolinguística**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. v. 2. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BEN-ANATH, Dafna. **The Role of Connectives in Text Comprehension**. Teachers College, Columbia University Working Papers in TESOL & Applied Linguistics, 2005, Vol. 5, nº.2

BORBA, F. S. **Teoria Sintática**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 1990.

CAIN, K.; NASH, H. The Influence of Connectives on Young Readers' Processing and Comprehension of Text. **Journal of Educational Psychology**. V. 103, n. 02, 2011.

CARONE, F. B. **Subordinação e Coordenação: confrontos e contrastes**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1991.

CASTRO, R. M. C. A. Compreensão da leitura: aplicação da técnica do procedimento close nos ensinos fundamental e médio. **Crátilo**. v. 1, p. 70-78, 2008.

CHARAUDEAU, P. A argumentação talvez não seja o que parece ser. In: GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene (org.). **Investigando a Linguagem em Uso: estudos em Linguística Aplicada**. São Leopoldo - RS: Unisinos, 2004.

_____; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto: 2004.

CHAVES, C. C. **Os Valores das Conjunções e suas Aplicabilidades no Discurso**. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CORRÊA, L. M. S. Dificuldades e Potencialidades do Uso do Método Experimental no Estudo da Aquisição da linguagem. In: CASTRO, Maria Fausta Pereira de. **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

COSCARELLI, C. V. Entendendo a Leitura. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: UFMG, v. 10, n. 1, p. 7-27, jan./jun. 2002.

CROSSON, A. C.; LESAUX, N. K.; MARTINIELLO, M. Factors that influence comprehension of connectives among language minority children from Spanish-speaking backgrounds. **Applied Psycholinguistics** 29 (2008), 603–625

CUNHA, N. B.; SANTOS, A. A. Relação entre a Compreensão da Leitura e a Produção Escrita em Universitários. **Psicologia: reflexão e crítica**, vol. 9, n. 2, p. 237-245, 2006.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

DIJK, T. A. **Cognição, Discurso e Interação**. São Paulo: Contexto, 1996.

DUTRA, V. L. R. **Relações Conjuntivas Causais no Texto Argumentativo**. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____; COSTA, K. R. R.; OLIVEIRA, I. J. Fatores de Textualidade em Poemas-Canção da MPB. In: HENRIQUES, C. C. (org.). **Linguagem, Conhecimento e Aplicação: estudos de língua e de linguística**. Rio de Janeiro: Europa, 2003.

FÁVERO, L. L. **Coesão e Coerência Textuais**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2003.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para Entender o Texto – leitura e redação**. 7 ed. São Paulo: Ática, 1993.

FULGÊNCIO, L. e LIBERATO, Y. **Como Facilitar a Leitura**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **É Possível Facilitar a Leitura: um guia para escrever claro**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **A Leitura na Escola**. São Paulo: Contexto, 1996.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 17 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

HALLIDAY, M.A.K. e MATTHIESSEN, C.M.I.M **An Introduction to Functional Grammar**. 3 ed. London: Edward Arnold, 2004.

_____; HASAN, R. **Cohesion in English**. Essex: Longman Group UK Limited, 1976.

HAWAD, H. F. **Tema, Sujeito e Agente: a voz passiva portuguesa em perspectiva sistêmico-funcional**. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

ILARI, R. **A Linguística e o Ensino de Língua Portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

JORM, A. F. **Psicologia das Dificuldades em Leitura e Ortografia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KATO, M. **No Mundo da Escrita**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **O Aprendizado da Leitura**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KEENAN, J. M. *et al.* The Effects of Causal Cohesion on Comprehension and Memory. **Journal Of Verbal Learning And Verbal Behavior** 23, 115--126 (1984).

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1993.

_____. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1999.

KOCH, I. V. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Argumentação e Linguagem**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____; TRAVAGLIA, L. C. **A Coerência textual**. 17 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LEFFA, V. **Aspectos da Leitura**. Porto Alegre: Sagra – DC Luzzato, 1996.

_____. Perspectivas no estudo da leitura; Texto, leitor e interação social. In: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.) **O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação**. Pelotas: Educat, 1999.

LEITÃO, M. M. Psicolinguística Experimental: focalizando o processamento da linguagem. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

LENCASTRE, L. **Leitura: a compreensão de textos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LERNER, J. Favela Não É Problema, É Solução. **Galileu**, n. 215, p. 92-93, junho de 2009.

LI, F. **Causality in on-line discourse processing: what eye-tracking reveals about the role of causal relations and connectives**. Dissertação de Mestrado. Utrecht University, 2009.

MASCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLIS, K. K.; JUST, M. A. The influence of connectives on sentence comprehension. **Journal of Memory and Language**, 33, 128-147, 1994.

NIGRO, F. O Carro Elétrico Polui. **Galileu**, n. 228, p. 96-97, julho de 2010.

NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, I. C. B.; SOUZA, J. V.; SCHÄFFER, N. O.; GUEDES, P. C.; KLUSENER, R. **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

NUNES, L. P. **As Conjunções *But* e *Mas* em Textos Ficcionalis Originais e Traduzidos: uma análise tridimensional com base na linguística sistêmico-funcional**. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

OLIVA, A. **Filosofia da Ciência**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

OLIVEIRA H. F. Gêneros Textuais e Conceitos Afins: teoria. In: VALENTE, A. C. (org.). **Língua portuguesa e identidade: marcas culturais**. Rio de Janeiro: Caetés: 2007.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 4 ed. Campinas, SP: Cortez, 1999.

PAULINO, G.; WALTY, I.; FONSECA, M. N.; CURY, M. Z. **Tipos de Textos, Modos de Leitura**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

PEREIRA, V. W. Compreensão Leitora de Alunos do Ensino Médio. **ReVEL**. V. 6, n. 11, agosto de 2008.

PERFETTI, C. Reading Skills. **International encyclopedia of the social & behavioral sciences**, p. 12800-12805. Oxford: Pergamon, 2001.

_____; VERHOEVEN, Ludo. Advances in Text Comprehension: model, process and development. **Applied Cognitive Psychology**, p. 293-301. Disponível em: www.interscience.wiley.com, consultado em 19 de agosto de 2008.

PERINI, M. A. Efeito do Gênero Textual. In: FULGÊNCIO, L. e LIBERATO, Y. **É Possível Facilitar a Leitura: um guia para escrever claro**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. In: ORLANDI, E. P.; ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2005.

PILAR, J. A redação de vestibular como gênero. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros Textuais e Práticas Discursivas: subsídios para o ensino da linguagem**. Bauru: EdUSC, 2002.

SANDERS, T.; NOORDMAN, L. The Role of Coherence Relations and Their Linguistic Markers in Text Processing. **Discourse Processes**. N. 29, 2000.

_____. **Coherence, Causality and Cognitive Complexity in Discourse**. Disponível em <http://w3.erss.univ-tlse2.fr:8080/index.jsp?perso=bras&subURL=sem05/proceedings-final/03-Sanders.pdf>. Consultado em 11 de julho de 2011.

_____; CANESTRELLI, A.; MAK, P. **Comparing *because* to *want*: how connectives affect the processing of causal relations**. MAD, p. 17-20, mar. 2010.

SANDERS, T. e DEGAND, L. The impact of relational markers on expository text comprehension in L1 and L2. **Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal**, n 15, 2002.

SILVA, T. E. **O Ato de Ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 9 ed. São Paulo: Cortez: 2002.

SLAMA-CAZACU, T. **Psicolinguística Aplicada ao Ensino**. São Paulo: Pioneira, 1979.

SMITH, F. **Compreendendo a Leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

TRAXLER, M. J. BYBEE, M. D.; PICKERING, M. J. Influence of Connectives on Language Comprehension: Eye-tracking Evidence for Incremental Interpretation. **The Quarterly Journal Of Experimental Psychology**, p. 481-497, 1997.

VALENTE, P. M. **Emprego de Conjunções e Compreensão Leitora: um estudo com alunos da 8ª série do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VOGT, C. A. Indicações para uma Análise Semântico-Argumentativa das Conjunções Porque, Pois e Já Que. **Alfa (ILCSE/UNESP)**, Marília, v. 22/23, p. 139-155, 1976.

Anexos

Anexo 1 – Proposta de Produção Textual

Quando a arma vai à escola

Por quatro dias seguidos em março, um menino de 14 anos levou para a escola, na mochila, o revólver calibre 38 de seu pai e a munição de outra arma. Queria mostrar aos colegas. O revólver entrou e saiu livremente do respeitado Gracinha, apelido da Escola Nossa Senhora das Graças, no Itaim Bibi, bairro de elite de São Paulo. Não houve ameaça de tiro nem acidente, ninguém se feriu. Mas os pais dos 1.085 estudantes, que pagam até R\$ 1.700 de mensalidade, se dividiram: o garoto deveria ou não ser expulso?

Como o menino nunca foi violento nem truculento, não tem histórico de desvio e apenas exibiu a arma descarregada como se fosse um troféu, por que expulsá-lo? De que adiantaria uma punição radical? O medo viria do massacre recente de 15 pessoas por um jovem estudante em Winnenden, Alemanha – ou da famosa chacina de uma década atrás na cidade americana de Columbine? Não há nenhuma semelhança entre essas tragédias e o que ocorreu no Gracinha.

A arma era legal, registrada em Mato Grosso. Estava escondida num armário. O menino encontrou quando buscava o cabo do computador. A família do menino, ao saber do episódio por outros pais, relatou tudo pessoalmente à diretoria do Gracinha. Pai, mãe e filho devolveram a arma na sede da Polícia Federal. Em casa, conversou-se sobre as estatísticas de mortes por acidentes com armas de fogo: em 2006, morreram 166 brasileiros de 0 a 24 anos com tiros acidentais.

Os pais dizem que o revólver “não fazia parte” da vida deles e, por isso, haviam se esquecido de sua existência. Para mim, arma rima com morte, e não com proteção. Por convicção pessoal e por acreditar no desarmamento contra a violência, jamais teria um revólver em casa. Esquecer a presença de uma arma de fogo no lar me parece algo surreal. Imagino como os pais desse menino se sentem culpados por não ter conversado antes com o filho. Até os 8 anos de idade, crianças não conseguem distinguir entre armas reais e de brinquedo, afirmam especialistas.

“Esse menino foi colega de meus filhos, perdeu o ano e talvez só quisesse se enturmar. Mas o revólver poderia ter arrasado com a vida de alguém, é um fato gravíssimo”, disse ao telefone Luiz Arnaldo Pipino, cirurgião vascular, que defendia a expulsão como providência exemplar. Seus filhos de 15 e 14 anos estu-

dam no Gracinha. “O menino não tinha, a meu ver, nenhuma intenção no estilo americano ou alemão, mas sou a favor de desligar o aluno.” Na opinião de Pipino, nessa hora o estatuto tem de ser respeitado. E o Gracinha não poderia vacilar, deveria fazer valer a regra do Conselho Disciplinar. “Espero”, disse Pipino, “que a escola garanta a segurança de meus filhos”, mesmo com medidas “que pareçam coercitivas ou abusivas no primeiro momento.” Ele sugeriu que mochilas sejam revistadas à entrada.

Dora Serra Netto, engenheira, também tem um casal de filhos no Gracinha. Ela me disse que abominava a ideia de expulsão: “Louvável a atitude dos pais, ao reconhecer o erro do filho e o próprio erro. E também a atitude da escola. Em outras, talvez o caso fosse abafado. Se eu tivesse poder de decisão, manteria o aluno. Foi uma atitude irresponsável e impensada de um adolescente. Mas ele não sacou o revólver, não arriscou a vida de ninguém. Por que aumentar o desespero dessa família? Como matricular esse menino em outra escola?”. Dora já defendera anteriormente a decisão da escola de expulsar um aluno por porte de maconha. “Detesto armas, mas esse menino não queria brigar nem se vingar.”

Muitos dirão que a repercussão só se explica porque a escola é paulista, de elite. Se um aluno em escola da periferia exibisse uma arma, a notícia chegaria à imprensa? Provavelmente só se matasse alguém. Filhos de traficantes convivem com armas pesadas em cima da mesa, e não dentro do armário. Seja como for, deveríamos estimular um debate nacional sobre o fascínio que as armas de fogo despertam entre adolescentes do sexo masculino. “Empunhar um revólver numa favela valida o jovem socialmente, torna-o visível e poderoso, atrai as meninas e reforça a masculinidade”, diz a socióloga Julita Lemgruber. Nas classes altas, uma arma pode servir apenas para chamar a atenção. Mas mata do mesmo jeito.

AQUINO, Ruth de. **Época**. N° 567. Rio de Janeiro: Globo, 30 de março de 2009

Em 2005 houve um plebiscito sobre a legalização do porte de armas por civis e, como se sabe, hoje qualquer pessoa, desde que cumpridas certas exigências, pode ter uma arma. A votação, porém, não acabou com problemas relacionados ao armamento.

O texto que você acaba de ler trata de um problema ocorrido numa escola elitista no início de 2009. Pelos fatos relatados, percebe-se que o fato de uma arma ser legalizada não implica a ausência de problemas domésticos envolvendo-a. O texto traz a perspectiva da autora e de dois pais de alunos, ambos com um casal de filhos estudando na escola, mas com pontos de vista diferentes acerca da punição que o aluno deverá sofrer.

Mostre-nos agora a sua opinião: o que você pensa que deveria acontecer a um aluno que eventualmente aparecesse na sua escola exibindo uma arma a seus colegas? Esse aluno precisaria receber ajuda ou punição do colégio e da família?

Elabore sua resposta em um texto com cerca de 25 linhas, de acordo com a norma padrão do português, apresentando argumentos que defendam seu ponto de vista e estrutura argumentativa completa – aprendida em aula.

Anexo 2 – Teste de Compreensão Leitora: textos da versão sem conectivo

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: _____

Nome: _____ Grupo: _____

Você irá participar de uma atividade de compreensão de textos.

Leia atentamente e em silêncio o texto abaixo. Ao terminar a leitura, devolva a folha ao professor e aguarde novas instruções;

Durante a realização dessa atividade, não poderá se comunicar com seus colegas ou com o professor.

O carro elétrico polui

Do ponto de vista da poluição local, o carro elétrico é muito bom. Não emite gases tóxicos, nem contribui para o aumento da poluição sonora. Já do ponto de vista da poluição global, o carro elétrico causa danos à natureza, a eletricidade que o abastece vem da queima de combustíveis fósseis: carvão, gás natural e óleo pesado. Ou seja, este tipo de veículo emite CO₂ indiretamente, no momento de ser abastecido.

Vejamos: os carros elétricos estão no mercado há muito tempo. Já existiam em Paris, em 1881. Em 1888, Londres inaugurava seu primeiro ônibus movido a eletricidade. Tudo indicava que tomariam as ruas, mas quem foi mais comprado foram os veículos com motores de combustão interna, sendo mais baratos. Desde o século 19, esse panorama não mudou. Quando se olha para daqui a 10 ou 20 anos, não se vê o carro elétrico dominando o mercado. Talvez, quem sabe, para 2050...

Ainda assim, em alguns países desenvolvidos como os Estados Unidos, a compra de carros elétricos é vantajosa para o cidadão, quem compra um veículo desse tipo pode abater 7.500 dólares de imposto. O governo da Califórnia banca a instalação doméstica do aparelho de abastecimento do carro. A Europa vem investindo pesado na pesquisa deste tipo de modelo. Mas estudos do próprio governo americano apontam que o carro elétrico continuará sendo comercialmente inviável pelos próximos dez anos.

O problema é que esses países são pressionados a reduzir a emissão de poluentes na atmosfera. Para eles, o carro tende a ser considerado culpado pela emissão de CO₂ porque os veículos são considerados um luxo, principalmente em locais onde o transporte público funciona. Daí o investimento pesado em veículos híbridos, elétricos, movidos a hidrogênio... O importante é lançar no mercado modelos que não lancem poluentes por um escapamento. Se o carro elétrico vai aumentar a poluição gerada por usinas termelétricas, problema delas.

E está-se falando de países que não têm alternativas energéticas, mas constituem um mercado automobilístico grande e sólido. No caso do Brasil, a aposta em veículos elétricos, que vem sendo discutida internamente pelo governo federal, não faz nenhum sentido. Há no país uma alternativa tão pouco poluente quanto o modelo elétrico, e muito mais barata: o álcool. O álcool brasileiro não é 100% renovável, usa-se diesel para arar a terra e transportar o combustível. Por outro lado, o carro a álcool apresenta o mesmo nível de poluição do carro elétrico, os gases poluentes que ele produz são recolhidos pelas próprias plantações de cana-de-açúcar. E essa é uma indústria já solidificada e instalada. Para reduzir a emissão global de CO₂, o Brasil não precisa gastar o mesmo que os países europeus. Trocar carro a álcool por carro elétrico não faz sentido para a indústria automobilística brasileira, aqui o mercado é composto por carros pequenos e baratos.

A aposta no carro elétrico é uma estratégia de autodefesa da indústria automobilística dos países desenvolvidos. Não é a hora de o Brasil investir nesse mercado, o país já tem seu próprio combustível não poluente, e ele é muito mais barato.

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: _____

Nome: _____ Grupo: _____

Você irá participar de uma atividade de compreensão de textos.

Leia atentamente e em silêncio o texto abaixo. Ao terminar a leitura, devolva a folha ao professor e aguarde novas instruções;

Durante a realização dessa atividade, não poderá se comunicar com seus colegas ou com o professor.

Favela não é problema, é solução

Favela integrada com a cidade. Essa é a solução. É claro que isso não solucionaria tudo. Há novos desafios, como o tráfico de drogas. Mas alguns dos grandes problemas que existem nas favelas - lixo, infraestrutura, empregos e segurança – podem ser resolvidos.

O primeiro é o lixo. Muitas pessoas têm morrido soterradas nos morros e em inúmeras favelas no mundo inteiro. As pessoas, não tendo acesso aos caminhões de lixo que fazem a coleta, jogam grande quantidade de lixo perto das próprias casas. O acesso a esses caminhões não é fácil, estando as favelas geralmente em morros ou em fundos de vale. Em 1989, na Prefeitura de Curitiba, foi criado um programa que comprava o lixo da favela. O que aconteceu? Em vez de jogar fora, os moradores coletavam o lixo, que era trocado por vale-transporte. Não se tratava de um ato paternalista, os moradores só receberiam o vale-transporte no final do mês se realmente realizassem a coleta. Em poucos meses, todas as favelas estavam limpas, os próprios moradores cuidavam da limpeza, e as famílias tinham uma renda a mais. Problema resolvido.

A segunda questão é a infraestrutura: levar água, esgoto e energia. Pelo menos em se tratando de energia e água, a tendência é mexer no terreno. No entanto, mexer no terreno não é uma solução inteligente, pode haver deslizamento. É muito melhor a ideia de levar água e energia através do corrimão das escadarias, dessa maneira é possível realizar o abastecimento de água da maneira mais prática para cada casa: pela janela, pelo teto, por onde for mais fácil. O mesmo deve ser feito em relação à energia elétrica: leva-se a estrutura básica pelo corrimão. E o esgoto pode ser coletado da mesma maneira, pelo canto das escadarias.

Terceiro problema: como gerar empregos? Zonas francas. Ou seja, quem montasse uma pequena fábrica ou serviço e contratasse moradores locais não pagaria impostos. Há dados que mostram que, em várias comunidades em que iniciativas desse tipo foram tomadas, o tráfico deixou de ser a única alternativa de boa parte das pessoas. Novas oportunidades de emprego surgiram com iniciativas desse tipo. Com isso, aumentam as chances de, pouco a pouco, levar escolas e creches de qualidade até lá. Motivados pelas melhorias em volta, os moradores acabam investindo em reformas nas próprias casas. E aí entra a necessidade de outras soluções: financiar material de construção e dar suporte legal para que as pessoas regularizem a área em que vivem.

A melhora das condições diminui a sensação de “gueto”. Essa situação torna a coexistência muito difícil, vizinhos acabam virando inimigos. E a atual tendência é justamente criar “guetos” – tanto de gente muito rica quanto de gente muito pobre – cada vez mais afastados da malha urbana. E há vazios urbanos que podem ser perfeitamente ocupados por uma vizinhança diversificada. Uma das melhores coisas de Curitiba é que 80% da população vive em vizinhanças diversificadas, gente de toda faixa de renda. Não no mesmo prédio, mas próximas. Isso é uma coisa sadia, que acontece nas boas cidades do mundo. Manter a favela distante do resto da cidade sai muito caro ao governo. Deixar a favela integrada à cidade reduz gastos. Não é mais preciso levar qualidade de vida a uma região distante dos centros urbanos. O custo de melhorar a qualidade de vida passa a ser menor do que levar a 40 km, 50 km de distância a infraestrutura para que um conjunto habitacional enorme se estabeleça em uma determinada região metropolitana.

Por outro lado, é preciso conter o avanço das favelas. O crescimento desordenado delas sempre causou prejuízos porque provoca instabilidade no funcionamento das cidades. Para melhorar isso, devem-se oferecer alternativas mais rápidas. Terra acessível, financiamento para construção, autoconstrução. A favela só é inevitável numa cidade no momento em que não há alternativa de moradia. O governo tem de oferecer transporte público, saúde e educação de qualidade. Atendidas essas demandas, a tendência é melhorar.

A criatividade começa quando se corta um zero do orçamento. A sustentabilidade, quando se cortam dois zeros. E a qualidade de vida começa quando você é rápido em achar soluções.

Anexo 3 – Teste de Compreensão Leitora: textos da versão com conectivo

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: _____

Nome: _____ Grupo: _____

Você irá participar de uma atividade de compreensão de textos.

Leia atentamente e em silêncio o texto abaixo. Ao terminar a leitura, devolva a folha ao professor e aguarde novas instruções;

Durante a realização dessa atividade, não poderá se comunicar com seus colegas ou com o professor.

O carro elétrico polui

Do ponto de vista da poluição local, o carro elétrico é muito bom, porque não emite gases tóxicos, nem contribui para o aumento da poluição sonora. Já do ponto de vista da poluição global, o carro elétrico causa danos à natureza porque sua manutenção exige a queima de combustíveis fósseis: carvão, gás natural e óleo pesado. Ou seja, este tipo de veículo emite CO₂ indiretamente, no momento de ser abastecido.

Vejamos: os carros elétricos estão no mercado há muito tempo. Já existiam em Paris, em 1881. Em 1888, Londres inaugurava seu primeiro ônibus movido a eletricidade. Tudo indicava que tomariam as ruas, mas os veículos com motores de combustão interna foram mais comprados, porque são mais baratos. Desde o século 19, esse panorama não mudou. Quando se olha para daqui a 10 ou 20 anos, não se vê o carro elétrico dominando o mercado. Talvez, quem sabe, para 2050...

Ainda assim, em alguns países desenvolvidos como os Estados Unidos, a compra de carros elétricos é vantajosa para o cidadão, porque quem compra um veículo desse tipo pode abater 7.500 dólares de imposto. O governo da Califórnia banca a instalação doméstica do aparelho de abastecimento do carro. A Europa vem investindo pesado na pesquisa deste tipo de modelo. Mas estudos do próprio governo americano apontam que o carro elétrico continuará sendo comercialmente inviável pelos próximos dez anos.

O problema é que esses países são pressionados a reduzir a emissão de poluentes na atmosfera. Para eles, o carro tende a ser considerado culpado pela emis-

são de CO₂ porque os veículos são considerados um luxo, principalmente em locais onde o transporte público funciona. Daí o investimento pesado em veículos híbridos, elétricos, movidos a hidrogênio... O importante é lançar no mercado modelos que não lancem poluentes por um escapamento. Se o carro elétrico vai aumentar a poluição gerada por usinas termelétricas, problema delas.

E está-se falando de países que não têm alternativas energéticas, mas constituem um mercado automobilístico grande e sólido. No caso do Brasil, a aposta em veículos elétricos, que vem sendo discutida internamente pelo governo federal, não faz nenhum sentido. Há no país uma alternativa tão pouco poluente quanto o modelo elétrico, e muito mais barata: o álcool. O álcool brasileiro não é 100% renovável, porque se usa diesel para arar a terra e transportar o combustível. Por outro lado, o carro a álcool apresenta o mesmo nível de poluição do carro elétrico, porque os gases poluentes que ele produz são recolhidos pelas próprias plantações de cana-de-açúcar. E essa é uma indústria já solidificada e instalada. Para reduzir a emissão global de CO₂, o Brasil não precisa gastar o mesmo que os países europeus. Trocar carro a álcool por carro elétrico não faz sentido para a indústria automobilística brasileira, porque aqui o mercado é composto por carros pequenos e baratos.

A aposta no carro elétrico é uma estratégia de autodefesa da indústria automobilística dos países desenvolvidos. Não é a hora de o Brasil investir nesse mercado, porque já tem seu próprio combustível não poluente, e ele é muito mais barato.

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: _____

Nome: _____ Grupo: _____

Você irá participar de uma atividade de compreensão de textos.

Leia atentamente e em silêncio o texto abaixo. Ao terminar a leitura, devolva a folha ao professor e aguarde novas instruções;

Durante a realização dessa atividade, não poderá se comunicar com seus colegas ou com o professor.

Favela não é problema, é solução

Favela integrada com a cidade. Essa é a solução. É claro que isso não solucionaria tudo. Há novos desafios, como o tráfico de drogas. Mas alguns dos grandes problemas que existem nas favelas - lixo, infraestrutura, empregos e segurança – podem ser resolvidos.

O primeiro é o lixo. Muitas pessoas têm morrido soterradas nos morros e em inúmeras favelas no mundo inteiro. As pessoas jogam grande quantidade de lixo perto das próprias casas, porque não têm acesso aos caminhões que fazem a coleta. O acesso a esses caminhões não é fácil, estando as favelas geralmente em morros ou em fundos de vale. Em 1989, na Prefeitura de Curitiba, foi criado um programa que comprava o lixo da favela. O que aconteceu? Em vez de jogar fora, os moradores coletavam o lixo, que era trocado por vale-transporte. Não se tratava de um ato paternalista, porque os moradores só receberiam o vale-transporte no final do mês se realmente realizassem a coleta. Em poucos meses, todas as favelas estavam limpas, porque os próprios moradores cuidavam da limpeza, e as famílias tinham uma renda a mais. Problema resolvido.

A segunda questão é a infraestrutura: levar água, esgoto e energia. Pelo menos em se tratando de energia e água, a tendência é mexer no terreno. No entanto, mexer no terreno não é uma solução inteligente, porque pode haver deslizamento. É muito melhor a ideia de levar água e energia através do corrimão das escadarias, porque dessa maneira é possível realizar o abastecimento de água da maneira mais prática para cada casa: pela janela, pelo teto, por onde for mais fácil. O mesmo deve ser feito em relação à energia elétrica: leva-se a estrutura básica pelo corrimão. E o esgoto pode ser coletado da mesma maneira, pelo canto das escadarias.

Terceiro problema: como gerar empregos? Zonas francas. Ou seja, quem montasse uma pequena fábrica ou serviço e contratasse moradores locais não pagaria impostos. Há dados que mostram que, em várias comunidades em que iniciativas desse tipo foram tomadas, o tráfico deixou de ser a única alternativa de boa parte das pessoas, porque novas oportunidades de emprego surgiram. Com isso, aumentam as chances de, pouco a pouco, levar escolas e creches de qualidade até lá. Motivados pelas melhorias em volta, os moradores acabam investindo em reformas nas próprias casas. E aí entra a necessidade de outras soluções: financiar material de construção e dar suporte legal para que as pessoas regularizem a área em que vivem.

A melhora das condições diminui a sensação de “gueto”. Essa situação torna a coexistência muito difícil porque vizinhos acabam virando inimigos. E a atual tendência é justamente criar “guetos” – tanto de gente muito rica quanto de gente muito pobre – cada vez mais afastados da malha urbana. E há vazios urbanos que podem ser perfeitamente ocupados por uma vizinhança diversificada. Uma das melhores coisas de Curitiba é que 80% da população vive em vizinhanças diversificadas, gente de toda faixa de renda. Não no mesmo prédio, mas próximas. Isso é uma coisa sadia, que acontece nas boas cidades do mundo. Manter a favela distante do resto da cidade sai muito caro ao governo. Deixar a favela integrada à cidade reduz gastos porque não é mais preciso levar qualidade de vida a uma região distante dos centros urbanos. O custo de melhorar a qualidade de vida passa a ser menor do que levar a 40 km, 50 km de distância a infraestrutura para que um conjunto habitacional enorme se estabeleça em uma determinada região metropolitana.

Por outro lado, é preciso conter o avanço das favelas. O crescimento desordenado delas sempre causou prejuízos porque provoca instabilidade no funcionamento das cidades. Para melhorar isso, devem-se oferecer alternativas mais rápidas. Terra acessível, financiamento para construção, autoconstrução. A favela só é inevitável numa cidade no momento em que não há alternativa de moradia. O governo tem de oferecer transporte público, saúde e educação de qualidade. Atendidas essas demandas, a tendência é melhorar.

A criatividade começa quando se corta um zero do orçamento. A sustentabilidade, quando se cortam dois zeros. E a qualidade de vida começa quando você é rápido em achar soluções.

Anexo 4 – Afirmativas Experimentais sobre o Texto *O Carro Elétrico Polui*

Acerca das relações causais externas

- () O fato de a manutenção de carros elétricos envolver a queima de combustíveis fósseis faz com que prejudiquem a natureza.

- () Carros de combustão interna, mais baratos que os elétricos, são mais vendidos.

- () O uso de diesel para arar a terra e transportar combustível faz com que o carro a álcool não seja 100% renovável.

- () A retirada de poluentes do ar pelas plantações de cana-de-açúcar torna o carro a álcool tão pouco poluente quanto o carro elétrico.

Acerca das relações causais internas

- () Não provocar aumento da poluição sonora é um fator positivo dos carros elétricos.

- () O abatimento em impostos representa uma vantagem para a compra de carros elétricos nos Estados Unidos.

- () A frota de carros a álcool do Brasil é composta por carros pequenos e baratos e não é necessário trocá-la por carros elétricos.

- () O Brasil ter a opção por um combustível não poluente leva o país a não precisar investir em carros elétricos.

Anexo 5 – Afirmativas Experimentais sobre o Texto *Favela Não É Problema, É Solução*

Acerca das relações causais externas

- () Nas favelas, não ter acesso a caminhões de coleta leva as pessoas a deixarem o lixo perto de suas casas.

- () Em Curitiba, o fato de os próprios moradores das favelas coletarem o lixo tornou-as mais limpas.

- () O surgimento de novas oportunidades de emprego nas favelas fez com que o tráfico deixasse de ser a única opção para muitos moradores.

- () A integração da favela à cidade leva à redução de gastos com qualidade de vida.

Acerca das relações causais internas

- () O fato de a prefeitura de Curitiba recompensar com vale-transporte os moradores envolvidos com a coleta não constitui uma medida paternalista.

- () O risco de deslizamentos faz com que mexer no terreno das favelas não seja uma boa solução.

- () Em vez de se mexer no terreno, uma alternativa mais prática para o abastecimento de água e energia seria fazê-lo pelo corrimão das escadas.

- () A inimizade gerada pela sensação de gueto torna difícil a convivência entre vizinhos.

Anexo 6 – Teste Cloze

Complete as lacunas dos textos abaixo com a palavra ou conjunto de palavras mais adequadas.

Favela não é problema, é solução.

Favela integrada com a cidade. Essa é a solução. É claro que isso não solucionaria tudo. Há novos desafios, como o tráfico de drogas. Mas alguns dos grandes problemas que existem nas favelas - lixo, infraestrutura, empregos e segurança – podem ser resolvidos.

O primeiro é o lixo. Muitas pessoas têm morrido soterradas nos morros e em inúmeras favelas no mundo inteiro. As pessoas jogam grande quantidade de lixo perto das próprias casas, _____ não têm acesso aos caminhões que fazem a coleta. O acesso a esses _____ não é fácil, estando as favelas geralmente em morros ou em fundos de vale. Em 1989, na Prefeitura de Curitiba, foi criado um programa que comprava o lixo da favela. O que aconteceu? Em vez de jogar fora, os moradores coletavam o lixo, que era trocado por vale-transporte. Não se tratava de um ato paternalista, _____ os moradores só receberiam o vale-transporte no final do mês se realmente realizassem a coleta. Em poucos meses, todas as favelas estavam limpas, _____ os próprios moradores cuidavam da limpeza, e as famílias tinham uma renda a mais. Problema resolvido.

A segunda questão é a infraestrutura: levar água, esgoto e energia. Pelo menos em se tratando de energia e água, a tendência é mexer no terreno. No entanto, mexer no terreno não é uma solução inteligente, _____ pode haver deslizamento. É muito melhor a ideia de levar água e energia através do corrimão das escadarias, _____ dessa maneira é possível realizar o abastecimento de água da maneira mais prática para cada casa: pela janela, pelo teto, por onde for mais fácil. _____ deve ser feito em relação à energia elétrica: leva-se a estrutura básica pelo corrimão. E o esgoto pode ser coletado da mesma _____, pelo canto das escadarias.

Terceiro problema: como gerar empregos? Zonas francas. Ou seja, quem montasse uma pequena fábrica ou serviço _____ contratasse moradores

locais não pagaria impostos. Há dados que mostram que, em várias comunidades em que iniciativas desse tipo foram tomadas, o tráfico deixou de ser a única alternativa de boa parte das pessoas, _____ novas oportunidades surgiram. Com _____, aumentam as chances de, pouco a pouco, levar escolas e creches de qualidade até lá. Motivados pelas melhorias em volta, os _____ acabam investindo em reformas nas próprias casas. E aí entra a necessidade de outras soluções: financiar material de construção e dar suporte legal para que as _____ regularizem a área em que vivem.

A melhora das condições diminui a sensação de “gueto”. Essa situação torna a coexistência muito difícil _____ vizinhos acabam virando inimigos. E a atual tendência é justamente criar “guetos” – tanto de gente muito rica quanto de _____ muito pobre – cada vez mais afastados da malha urbana. E há vazios urbanos que podem ser perfeitamente ocupados por uma vizinhança diversificada. Uma das melhores _____ de Curitiba é que 80% da população vive em vizinhanças diversificadas, gente de toda faixa de renda. Não no mesmo prédio, _____ próximas. Isso é uma coisa sadia, que acontece nas boas cidades do mundo. Manter a favela distante do resto da cidade sai muito caro ao governo. Deixar a favela integrada à cidade reduz gastos _____ não é mais preciso levar qualidade de vida a uma região distante dos centros urbanos. O custo de melhorar a qualidade de vida passa a ser menor do que levar a 40 km, 50 km de distância a infraestrutura para que um conjunto habitacional enorme se estabeleça em uma determinada região metropolitana.

Por outro lado, é preciso conter o avanço das favelas. O crescimento desordenado _____ sempre causou prejuízos porque provoca instabilidade no funcionamento das cidades. Para melhorar _____ devem-se oferecer alternativas mais rápidas. Terra acessível, financiamento para construção, autoconstrução. A _____ só é inevitável numa cidade no momento em que não há alternativa de moradia. O governo tem de oferecer transporte público, saúde e educação de qualidade. Atendidas essas _____, a tendência é melhorar.

A criatividade começa _____ se corta um zero do orçamento. A sustentabilidade, quando se cortam dois zeros. E a qualidade de vida começa quando você é rápido _____ achar soluções.

Complete as lacunas dos textos abaixo com a palavra ou conjunto de palavras mais adequadas.

O carro elétrico polui

Do ponto de vista de poluição local, o carro elétrico é muito bom, _____ não emite gases tóxicos, nem contribui para o aumento da poluição sonora. Já do ponto de vista da poluição global, o carro elétrico causa danos à natureza _____ sua manutenção exige a queima de combustíveis fósseis: carvão, gás natural e óleo pesado. Ou seja, este tipo de _____ emite CO₂ indiretamente, no momento de ser abastecido.

Vejam: os carros elétricos estão no mercado _____ muito tempo. Já existiam em Paris, em 1881. Em 1888, Londres inaugurava seu primeiro ônibus movido _____ eletricidade. Tudo indicava que tomariam as ruas, mas os veículos com motores de combustão interna foram mais comprados, _____ são mais baratos. Desde o século 19, esse panorama não mudou. _____ se olha para daqui a 10 ou 20 anos, não se vê o carro elétrico dominando o mercado. Talvez, quem sabe, para 2050...

Ainda assim, em alguns países desenvolvidos como os Estados Unidos, a compra de carros elétricos é vantajosa para o cidadão, _____ quem compra um veículo desse tipo pode abater 7.500 dólares de imposto. O governo da Califórnia banca a instalação doméstica do aparelho de abastecimento do carro. A Europa vem investindo pesado na pesquisa deste tipo de modelo. _____ estudos do próprio governo americano apontam que o _____ elétrico continuará sendo comercialmente inviável pelos próximos dez anos.

O problema é que esses _____ são pressionados a reduzir a emissão de poluentes na atmosfera. Para eles, o carro tende a ser considerado culpado pela emissão de _____ porque os veículos são considerados um luxo, principalmente em locais _____ o transporte público funciona. Daí o investimento pesado em _____ híbridos, elétricos, movidos a hidrogênio... O importante é lançar no mercado _____ que não lancem poluentes por um escapamento. Se o _____ elétrico vai aumentar a poluição gerada _____ usinas termelétricas, problema delas.

E está-se falando de países que não têm alternativas energéticas, _____ constituem um mercado automobilístico grande e sólido. No caso do Brasil, a aposta em veículos elétricos, que vem sendo discutida internamente pelo governo federal, não faz nenhum sentido. Há no país uma alternativa tão pouco poluente quanto o modelo elétrico, e muito mais barata: o álcool. O álcool brasileiro não é 100% renovável, _____ se usa diesel para arar a terra e transportar o combustível. Por outro lado, o carro a álcool apresenta o mesmo nível de poluição do carro elétrico, _____ os gases poluentes que ele produz são recolhidos pelas próprias plantações de cana-de-açúcar. E _____ é uma indústria já solidificada e instalada. Para reduzir a emissão global de CO₂, o Brasil não precisa gastar o mesmo _____ os países europeus. Trocar carro a álcool por carro elétrico não faz sentido para a indústria automobilística brasileira, _____ aqui o mercado é composto por carros pequenos e baratos.

A aposta no carro elétrico é uma estratégia de autodefesa da indústria automobilística dos países desenvolvidos. Não é a hora de o Brasil investir nesse mercado _____ já tem seu próprio combustível não poluente, e ele é muito mais barato.

Anexo 7 – Teste cloze com frases isoladas¹

As sequências abaixo foram extraídas de redações escritas por alunos do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental. Eles leram um artigo da revista *Época* sobre um rapaz de 14 anos que levou uma arma para a escola por quatro dias seguidos e elaboraram um texto em que deveriam responder à seguinte pergunta: *o que você pensa que deveria acontecer a um aluno que eventualmente aparecesse na sua escola exibindo uma arma a seus colegas? Esse aluno precisaria receber ajuda ou punição do colégio e da família?*

Agora, você deve preencher as sequências com alguma palavra (ou conjunto de palavras). Escolha as palavras que preferir, desde que a sequência faça sentido para você.

1. Ele precisa ser punido sim, _____ sem expulsão.
2. Querendo ou não, estamos julgando _____ infelizmente estamos vivendo em um mundo terrorista com muitas armas e drogas.
3. O colégio deveria levar uma conversa com o menino e pediria para os pais tomarem mais cuidado com a arma _____ o menino poderia disparar em alguém sem querer.
4. Se eu tivesse um amigo com esse problema, eu ia dar todo o apoio possível para ele, _____ saber da situação que estava ocorrendo.
5. Ele não fez nenhuma maldade, _____, então por que expulsá-lo?
6. O rapaz deveria tomar só uma suspensão, _____ provavelmente fez sem pensar, uma ação de irresponsabilidade.

¹ São experimentais as afirmativas 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 33, 36, 39, 42, 45 e 48.

7. A direção teria que conversar com os pais, para eles poderem saber por qual motivo a arma apareceu na escola _____ passar a conversar com o filho.
8. Ele poderia matar alguém _____ não matou.
9. Se um aluno levasse para a escola uma arma, ele deveria sim ser punido, _____ se ele for aluno bruto ele pode até fazer uma besteira.
10. O garoto poderia ser punido _____ passar alguns dias fora da escola.
11. Já pensou se ocorrer um crime na escola sem a intenção de matar _____ se esse garoto fosse seu filho?
12. O garoto não dever ser tão punido, _____ ele não é agressivo e não tem hábito de levar arma para a escola.
13. O menino não tinha noção do perigo _____ das consequências.
14. Armas podem machucar alguém _____ até mesmo matar uma pessoa.
15. Mas a punição poderia ser fazer alguma coisa básica como ajudar na sala de leitura, ajudar os professores ou ajudar no refeitório, _____ todos aqueles que o viram verão o que mudou na escola e os professores também ficarão orgulhosos.
16. Não vai adiantar nada expulsar o garoto se ele levou uma arma para a escola descarregada sem intenção de matar _____ machucar alguém com ela.
17. O garoto não deveria ser expulso _____ receber ajuda.
18. Deveriam chamar os pais do menino, conversar com ele, e dar três dias _____ ele pensar um pouco no que ele fez.

19. Um tiro acidental poderia ter matado alguém _____ ele teve cuidado, nenhum tiro foi disparado.
20. Os pais e o garoto erraram _____ não aconteceu nada de grave com ninguém.
21. Eu sou contra arma na escola, _____ um aluno poderia até não ter más intenções ao andar com uma arma, mas um dia talvez poderia acontecer o caso dele ser xingado e usar a arma por vingança.
22. Eles sabem que estavam errados _____ é isso que importa.
23. Levar uma arma para a escola não foi certo _____ expulsão está errado.
24. Deveriam tirar a guarda dos pais, _____ nunca se deixa uma arma ao alcance de crianças.
25. O menino não era violento _____ mesmo truculento.
26. Ele fez algo errado _____ mas em nenhum momento atirou em alguém.
27. O menino não deveria ser expulso, _____ ele não matou ninguém, nem apontou a arma para ninguém, ele só levou a arma para se exhibir.
28. Ele fez errado de levar a arma para a escola _____ deveria ser expulso.
29. O aluno tem a consciência de que não deve levar uma arma para a escola _____ levou.
30. O menino não deveria ser expulso, _____ ele não matou ninguém, nem apontou a arma para ninguém, ele só levou a arma para se exhibir.
31. Tem que pedir ajuda _____ se fosse maior o aluno tinha que ser punido.

32. Ele precisaria de ajuda não só dos professores e diretores _____ dos pais.
33. O aluno pode perder o ano _____ os pais simplesmente se descuidaram.
34. Os pais têm que conversar com ele o que é certo _____ o que é errado.
35. Os culpados foram eles por ter arma de fogo dentro de casa e num lugar em que o menino podia mexer para procurar _____ pegar algo que guardou.
36. O aluno deveria receber punição do colégio e da família, _____ um adolescente de 14 anos não é mais inocente e sabe muito bem o que é certo e o que é errado.
37. Ele poderia machucar alguém _____ se ele não quisesse.
38. Ele deve ser punido _____ deve ser expulso da escola.
39. Se um aluno levasse para a escola uma arma, ele deveria sim ser punido, _____ se ele for um aluno bruto ele pode até fazer uma besteira.
40. Um pai disse que ele deveria ser expulso _____ eu acho certo.
41. E quem fizer isso deve ser punido _____ preso, pois isso é crime.
42. Este garoto deveria ser punido pelos pais e pela escola, _____ isso é muito grave, as pessoas poderiam ter se machucado.
43. Todas as escolas do mundo têm crianças e adolescentes que gostam de se mostrar _____ eu não gosto disso.
44. A direção da escola deveria chamar o aluno para conversar _____ os pais para saber como o aluno conseguiu a arma.

45. A escola não deveria expulsar esse aluno, _____ simplesmente ele não levou a arma para a escola num ato de vingança, ele levou para mostrar a seus amigos.

46. O aluno não teve a intenção de machucar _____ de matar ninguém.

47. A escola deveria chamar os pais do aluno que levou a arma para a escola _____ o aluno que portava a arma para uma conversa.

48. O garoto não deve ser punido, _____ isso vai mexer com a mente dele.